

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

# **História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado**

**Atena**  
Editora

Ano 2020



**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

# **História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado**

**Atena**  
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	<p>História e as práticas de presentificação e representação do passado [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.            Modo de acesso: World Wide Web.            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-075-9            DOI 10.22533/at.ed.759202805</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores.            I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book “História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado” reuni 16 artigos entorno de um debate atualizado e propositivo sobre práticas e história. As pesquisas foram organizadas em 4 grupos conforme interesse da obra.

No primeiro grupo, temos três textos que discutem a presentificação e representação do passado do ponto de vista de território, trazendo um diálogo crítico e convidativo ao debate.

Para o segundo grupo, foram selecionados cinco artigos que dialogassem em torno da religião, trazendo ações históricas que permaneceram presentes nos tempos atuais. Polêmicas ou não, as pesquisas contribuem com a quebra de preconceitos e propõem novos olhares.

No terceiro conjunto, agrupei cinco pesquisas que apresentassem um debate relevante para o contexto histórico proposto por esta obra, que é a presentificação e representação do passado. As pesquisas permeiam o século XIX, XX e XXI.

Para o quarto grupo, são três artigos voltados para a discussão histórica por meio da educação. As pesquisas convidam ao olhar dialógico e levam o debate para além da leitura.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

### I.

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

A COMUNIDADE DE CERRO PELADO, FRONTEIRA E HISTÓRIA AGRÁRIA

[José Carlos Sampayo Ferreira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028051**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 13**

A GUERRA DE (RE)CONQUISTA SOBRE O CAMPO MEXICANO E A RESISTÊNCIA TERRITORIAL ZAPATISTA

[Rodrigo de Moraes Guerra](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028052**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 22**

ALDEADOS DE PIRATININGA – INDÍGENAS ADMINISTRADOS DE SÃO PAULO COLONIAL (SÉCULOS XVI - XVII)

[Antonio Martins Ramos](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028053**

### II.

#### **CAPÍTULO 4 ..... 33**

ANALOGIA DO SÁBADO

[Cleonaldo Pereira Cidade](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028054**

#### **CAPÍTULO 5 ..... 45**

CONTRIBUIÇÕES DE KOSELLECK, RÜSEN E FREIRE PARA O PROFESSOR DE HISTÓRIA QUE ATUE NO ENSINO RELIGIOSO.

[Marcelo Noriega Pires](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028055**

#### **CAPÍTULO 6 ..... 57**

O CAMPO RELIGIOSO “BRASILEIRO” NA OBRA MACHADIANA

[Valdeci Rezende Borges](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028056**

#### **CAPÍTULO 7 ..... 70**

ORIXÁ E NATUREZA: O CANDOMBLÉ NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

[Victor Hugo Basilio Nunes](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028057**

#### **CAPÍTULO 8 ..... 86**

O ESPAÇO DE TERREIRO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

[Patrícia da Silva Pereira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028058**



### III.

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
O “LIVRO DE ENTRADA DE IRMÃOS DA IRMANDADE DE N. SRA. DO ROZARIO DOS PRETOS DA FREGUESIA DA CAXOEIRA” – RS, SÉC. XIX	
<a href="#">Henrique Melati Pacheco</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7592028059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
NETTO ENCONTRA SUA ALMA! UM CAUDILHO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL NA HISTÓRIA E NA LITERATURA (C.1836-C.1866)	
<a href="#">Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.75920280510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>124</b>
O PODER BÉLICO DAS PALAVRAS: O DISCURSO VENCEDOR DOS REPUBLICANOS LIBERAIS NA QUEDA DA MONARQUIA NO BRASIL (1870-1891)	
<a href="#">Daiane Lopes Elias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.75920280511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>136</b>
PARA ALÉM DA INVENÇÃO: UMA CRÍTICA AO CONCEITO HOBBSBAWMIANO DE TRADIÇÃO	
<a href="#">Ivan Rodrigo Trevisan</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.75920280512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
FUTEBOL DE BOTÃO / MESA – PASSADO, PRESENTE E FUTURO NA PERCEPÇÃO DO BOTONISTA	
<a href="#">Ary Luiz de Oliveira Peter Filho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.75920280513</b>	
<b>IV.</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>165</b>
PROJETO DE LEITURA E ESCRITA: FÁBULAS POTIGUARA	
<a href="#">Juracy Dayse Delfino Soares</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.75920280514</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>174</b>
PROTAGONISMO POLÍTICO JUVENIL E NARRATIVAS DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA PELA <i>BURDENING HISTORY</i>	
<a href="#">Jéssica Christina de Moura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.75920280515</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>189</b>
PERCEPÇÃO SOCIOCULTURAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA ANÁLISE DO VESTUÁRIO DE ÉPOCA	
<a href="#">Lilian Patricia Soares Filocreão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.75920280516</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>201</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>202</b>

## O PODER BÉLICO DAS PALAVRAS: O DISCURSO VENCEDOR DOS REPUBLICANOS LIBERAIS NA QUEDA DA MONARQUIA NO BRASIL (1870-1891)

*Data de aceite: 12/05/2020*

### **Daiane Lopes Elias**

Daiane Lopes Elias é pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Endereço para acessar o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0017306837800920>

**RESUMO:** Com a adoção do vocabulário da política científica pelos republicanos liberais para questionar a monarquia brasileira, estabeleceu-se uma guerra discursiva que construiu imagens opostas entre os regimes de governo. A Monarquia passou a ser lida como sistema arcaico e de privilégios, enquanto que a República foi associada ao progresso e ao governo de si. Assim, procurou-se compreender como a construção discursiva dos republicanos liberais venceu a disputa política, a partir do estudo de seus atos de fala, principalmente, ao adaptarem e ressignificarem termos que permitiram o surgimento de um novo contexto linguístico eficaz na mudança de regime político do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Republicanos liberais; Discursos políticos; Sistemas de governo.

### THE BELIC POWER OF WORDS: THE VICTORIOUS DISCOURSE OF LIBERAL REPUBLICANS AND THE FALL OF MONARCHY IN BRAZIL (1870-1891)

**ABSTRACT:** As liberal republicans adopted the lexicon of scientific politics to question the Brazilian monarchy, a discourse war took place, one which created opposing images for each form of government. Monarchy would be seen as an archaic privilege-based system, while the republic became associated with progress and self-governance. Therefore, we aim to understand how the discourse constructed by liberal republicans won the political dispute, drawing from their speech acts, in particular where they adapted and attributed new meaning to terms that would usher the emergence of an effective new linguistic context for the shift in political regime in Brazil.

**KEYWORDS:** Liberal republicans; Political speeches; Government systems.

Com a crescente insatisfação de alguns grupos sociais em relação ao Império, a partir da segunda metade do século XIX, vê-se surgir na sociedade de então contestadores políticos que tentavam implantar a ideia

de crise do regime monárquico, com a eclosão de intensas críticas, propagadas nos mais variados meios, como, por exemplo, imprensa, *meetings*, clubes, conferências e partidos. A intenção dos contestadores era, primeiramente, instaurar um ambiente hostil à permanência da monarquia em um possível Terceiro Reinado, para depois se apresentarem como nova alternativa política para a condução do país. O ataque viria de diferentes frentes, que acusavam a monarquia e os Bragança de não conseguirem resolver as principais questões que convulsionavam a sociedade nos novos tempos, tais como o centralismo político, federalismo, escravidão, imigração, entre outras do período. Assim, muitos desses insatisfeitos setores da sociedade se uniram em um movimento contestador, com objetivo de promover a reforma social que pudesse dar conta das importantes demandas surgidas na Modernidade.

O debate de ideias ficava cada vez mais acalorado e dentre as soluções possíveis estava a mudança de regime político. Não por acaso, a terceira força partidária surge no ano de 1870, o Partido Republicano irrompe no cenário político defendendo a substituição do sistema de governo, acentuando a diferença entre os regimes, no qual a monarquia era lida como arcaica e a república entendida como a garantia de futuro promissor ao país, sendo ela a modernidade e o progresso. Contudo, seria necessário ao grupo dos republicanos liberais criar uma argumentação própria e combativa para ir de encontro à sólida tradição imperial, dessacralizá-la e, com isso, garantir o protagonismo da cena política nacional, vencendo a disputa pelos postos de mando do país. Não bastava destituir a monarquia, era preciso também sair vitorioso da disputa travada com as demais correntes contestadoras e concorrentes (tais como os republicanos positivistas e jacobinos, ambos de inspiração francesa) aos cargos de mando à época.

As palavras foram entendidas como arma política contra o Império e o vencerem ao conseguirem contradizer a narrativa oficial. Assim, a corrente republicana liberal tinha nas falas de Alberto Sales, em São Paulo, Quintino Bocaiúva, na Corte, e Assis Brasil, no Rio Grande do Sul, importantes contra-argumentos aos pilares da narrativa imperial, debate decisivo para implementar uma nova realidade política ao Brasil. A tríade republicana-liberal não apenas dessacraliza a Monarquia como também instala a república liberal a partir de 1889, tendo no texto da Constituição de 1891 a consagração da vitória de seu viés liberal. Optou-se assim por investigar a ação desse trio de forma mais minuciosa, não apenas por serem eles alguns dos mais importantes expoentes da corrente contestadora que representavam, mas também porque devido à localização geográfica em áreas distintas do território nacional, conseguiram um maior alcance na propagação das ideias de seu grupo de forma a solidificar uma linguagem unificadora e coesa que fez frente aos valores imperiais e os venceram.

Como fora dito, a insatisfação em relação ao regime monárquico foi o motor necessário para que as várias propostas políticas contrárias ao *status quo* surgissem

e se intensificassem no debate, a partir da segunda metade do século XIX, dentre elas se destacam as que hasteavam a bandeira republicana para que a mudança de regime se desse o quanto antes. Contudo, embora as correntes possuíssem significados próprios atrelados ao conceito de república e, por isso mesmo, guardassem consigo suas especificidades, formavam no conjunto um movimento contestador capaz de gerar críticas intensas que originaram um ambiente político desfavorável à permanência da Monarquia.

Desse modo, fizeram escolhas para criar uma linguagem eficaz ao intervir e instaurar o novo regime que poria fim à falta de protagonismo político dos contestadores. Por meio da linguagem combativa não apenas criavam o novo, mas o constituíam a partir da crítica aos valores, práticas e instituições monárquicas. A deslegitimação do Império se deu pela inversão discursiva, tudo aquilo que se referia à monarquia encontrava seu pleno oposto no vocabulário contestador republicano. Invertia-se o espelho para criar um ambiente favorável para que a nova linguagem instaurasse também uma realidade inédita: a república brasileira. Foi devido à insatisfação com o regime monárquico, visto a impossibilidade deste de solucionar as tensões e demandas existentes na sociedade, bem como a busca de maior inserção nos círculos de poder, que se intensificou a batalha política pela organização do país. Os contestadores então se dividiram pelas correntes republicanas positivista, jacobina e liberal do período. O embate discursivo colocava em oposição os conceitos antitéticos de monarquia e república. A monarquia identificada pelos republicanos como sendo um regime de privilégios, de corrupção dinástica, despótico e de atraso, enquanto que a república era, por excelência, associada ao governo de si, à plena soberania popular, ao bem comum, ao talento e ao progresso. O recurso aos pares de antônimos era muito usado na retórica dos grupos contestadores para denegrir a imagem monárquica, ao mesmo tempo em que se fortalecia a imagem da república.

Fator que contribuiu foi ser o século XIX intensamente marcado pelas teorias científicas de reforma como, por exemplo, positivismo, evolucionismo, cientificismo e darwinismo social.<sup>1</sup> O diálogo dos contestadores com essas teorias possibilitou a formação de uma nova linguagem política republicana que, feita a seu modo, para fins práticos e não de mera divagação, optou por entender a república brasileira como a forma de governo do progresso, como último estágio da evolução social, ou ainda, como o desvelar do estado positivo. Assim, observa Maria Tereza Chaves de Mello em relação aos grupos

---

1. É importante destacar que as obras de teoria científica não se situaram temporalmente tão somente no Oitocentos, mas, de acordo com Tânia Bessone, houve “Registros e comentários a respeito de obras mais lidas ou muito ‘faladas’ na primeira década do século XX”, dentre as quais estavam a dos principais autores utilizados no Oitocentos quando se tratava de teorias científicas tais como: Spencer, Darwin, Comte, Haeckel, etc. Ver FERREIRA, Tânia Maria T. Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. p. 142. Vale sublinhar ainda que a doutrina positivista, por exemplo, infiltrou-se tanto na sociedade brasileira, adentrando pelo século XX, que chegou a ser tema de música popular brasileira, intitulada “Positivismo” e cantada por Noel Rosa, que também tinha parceria na letra com o jornalista Orestes Barbosa. O trecho seguinte é emblemático: “o amor vem por princípio, a ordem por base, o progresso é que deve vir por fim. Desprezaste esta lei de Augusto Comte e fostes ser feliz longe de mim”. A referida música nasceu no famoso Café Nice, como conta MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa: uma biografia*. Brasília: Editora UnB, 1990. p. 246-247.

## contestadores do período:

Essa cultura democrática e científica penetrou profundamente na sociedade brasileira do final do Império. Ela renovou o vocabulário e a semântica. Sob suas premissas passaram a se pensar as “questões” nacionais. O mais importante, é que ela configurou um novo sistema simbólico que colocou em cheque os modelos montados pelos construtores do Império, trazendo para a arena pública a percepção da crise de direção que vivia o regime.<sup>2</sup>

A necessidade de superar a fase monárquica, que passara a ser sinônimo de atraso e crise no discurso republicano, tornou-se a ordem do dia. A crença no progresso a fez anacrônica e o choque entre os dois conceitos de velho (monarquia) e novo (república) ocorreu.

Cada grupo político desenvolveu um significado próprio para a república que almejava implantar, o que demonstrou a grande mobilização de recursos semânticos não apenas para mudar a realidade do Brasil, mas para que, ao se alterar essa realidade, se garantisse os postos de comando aos “líderes” dos grupos contestadores. A busca pela inserção no campo político fora o elo comum dos opositores do Império. Sendo assim,

*Meetings*, imagens, efeitos de retórica, formações discursivas, ilustrações e até mesmo a repressão policial foram elementos ótimos para afetar os olhos, os ouvidos e a emoção, sendo, por isso, fatores eficazes na desintegração do regime, graças à instauração de um novo clima, que impregnou as mentes num simbolismo renovado.<sup>3</sup>

Dessa maneira, a guerra discursiva fez uso dos mais variados recursos e episódios na tentativa de construir atos de fala eficazes ao combate e, assim, instaurar um clima desfavorável à permanência do império no Brasil. Com o estudo das enunciações dos principais representantes republicanos é que se torna inteligível o período de contestação do Brasil-Império, visto que se permite uma melhor compreensão das particularidades, motivações e interesses dos contestadores, sobretudo dos liberais, vitoriosos na disputa pelo poder.

Como observou Maria Tereza Chaves de Mello, em relação à oratória, o grupo de propagandistas da república “buscava [...] seduzir a platéia, ávida de discursos grandiloqüentes e predisposta à submissão pela palavra e pela teatralização gesticulatória”.<sup>4</sup> Por isso, a propaganda se tornou uma das maiores e melhores armas para deslegitimar o *status quo* monárquico. Fora desse modo que os seus discursos se tornaram arma contra o Império e instrumento de caráter pedagógico na disputa pela organização do país, o que era facilitado pela formação de base retórica do período compartilhada pelos

2. Ver MELLO, Maria Tereza Chaves de. “A República e o Sonho”. In: *Varia História*. Belo Horizonte: UFMG, vol. 27, n°45, jan-jun 2011. p. 124.

3. MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (EduR), 2007. p. 11.

4. *Ibidem*, p. 52.

contestadores.<sup>5</sup> Assim, explica-se a importância dada à propaganda feita na imprensa,<sup>6</sup> *Meetings* e/ou Clubes, que, como forma primordial de intervenção no debate da época, intensificou a disputa no campo linguístico, sendo capaz de criar uma linguagem política republicana que fora eficaz ao deslegitimar o Império e ao justificar o “novo”. Assim, a república passava a ser “o regime das oportunidades para todos os letrados aliados das oportunidades públicas na quadra final da Monarquia”.<sup>7</sup> Apresentada como a

expressão do progresso material, do triunfo da liberdade, do advento da democracia e da instauração de uma ordem mais racional. A República, enfim, como progresso e como ordem; como um ponto de chegada inevitável e como ponto de partida de um novo processo que se procura ter sob controle.<sup>8</sup>

Afinal, com o estabelecimento de um novo regime as esperanças de oportunidades e de um maior espaço político se renovaram. E por ser a sociedade brasileira oitocentista fragmentada, a proposta apresentada pelos republicanos liberais foi a que melhor se adequou às circunstâncias nacionais, já que o coletivo era entendido como o somatório de interesses particulares. O discurso liberal centrado na valorização do interesse pessoal se adequou à sociedade brasileira que tinha como uma de suas principais marcas a inexistência da nação.

Todavia, os anos iniciais do novo regime mostraram que o ideal republicano liberal, pensado antes de sua implantação, não correspondeu à realidade de então, pois o que prevaleceu foi o espírito predatório, sem comprometimento com a virtude republicana. O problema de equilibrar o público e o privado se manteve, embora a corrente vitoriosa pregasse o não patrimonialismo, o não apadrinhamento de cargos e a seleção pelo mérito individual. As velhas práticas continuaram, inclusive com a “nova elite política” que entre

5 Nesse sentido, um bom exemplo é o curso anexo à Faculdade de Direito de São Paulo e a própria instituição de ensino superior em si que permitiram uma formação comum na arte retórica, como destaca Sérgio Adorno em seu livro *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. Sobre a Faculdade de Direito é importante destacar que seu espaço ia além da formação de bacharéis, visto que a instituição extrapolava o ambiente da sala de aula e o compartilhamento de seu universo pelos alunos era também voltado para a aprendizagem/atuação na esfera política. Os estudantes tinham como prática a escrita em jornais, na literatura e em peças de teatro. Para isso, contavam com o mesmo treinamento de retórica, como destacou Sérgio Adorno sobre a prática que visava envolver emotivamente seus ouvintes e/ou leitores. O domínio da retórica e a atuação na política caminhavam juntas. Por isso, é importante ressaltar a formação retórica comum no ambiente educacional de São Paulo, haja vista que muitos dos futuros contestadores do Império passaram pela instituição quando estudantes. Essa mesma base de ensino também gerava uma visão de mundo compartilhada, através do contato com ideias, autores e obras de cunho filosófico-político em voga no século XIX, já que a vida acadêmica permitiu a criação de um espaço social comum e possível para o envolvimento e participação dos estudantes nas lutas políticas. Essa mesma formação em São Paulo também contribuiu para que, *a posteriori*, a propaganda política tivesse características semelhantes. Exemplo disso foi a própria construção da campanha republicana, tanto por meio de seus escritos políticos, quanto de seus discursos, com argumentos, jogos de palavras e estratégias linguísticas comuns. É desse modo que o curso anexo à Faculdade de Direito e a própria instituição de ensino superior constituem fator fundamental à formação das ideias políticas compartilhadas e críticas do Império, na segunda metade do século XIX.

6. A propaganda era feita, sobretudo, via imprensa que, em fins do Oitocentos, serviu de espaço possível para a batalha discursiva entre os ideais republicanos contra a monarquia, afinal a imprensa muitas vezes ao longo da história se desenvolveu “como um dos meios de transformação, de incitamento à transformação”. Ver PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 170-171.

7. Ver MELLO, Maria Tereza Chaves de. “A República e o Sonho”. In: *Varia História*. Belo Horizonte: UFMG, vol. 27, nº45, jan-jun 2011. p. 130.

8. Ver MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Do Império à República”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol. 2, n. 4, 1989, p. 165.

o público e o privado optou por satisfazer seus interesses pessoais, algo típico em uma sociedade fragmentada sem um forte sentimento de pertencimento, a nação não fora construída pelo Império e os elos sociais ficaram inconclusos na República que deixara de ser dos sonhos para cair num real de corrupção já conhecido há tempos. Desse modo, explica-se o estado de frustração que se instalou nos anos seguintes a 1889.

Com a proclamação da República, realizada pelos adeptos de um viés liberal de republicanismo, surge o entusiasmo por mudanças e por maior participação política, principalmente dos setores que não se sentiam protagonistas no cenário político do país. No entanto, esse entusiasmo vivido no momento da proclamação logo viraria sentimento de frustração, sobretudo pela impossibilidade de mudanças efetivas quanto a maior participação política. Desse modo, notou José Murilo de Carvalho,

a mudança de regime político despertava em vários setores da população a expectativa de expansão dos direitos políticos, de redefinição de seu papel na sociedade política, razões ideológicas e as próprias condições sociais do país fizeram com que as expectativas se orientassem em direções distintas e afinal se frustrassem. O setor vitorioso da elite civil republicana ateve-se estritamente ao conceito liberal de cidadania, ou mesmo ficou aquém dele, criando todos os obstáculos à democratização.<sup>9</sup>

O autor ressalta também que “o liberalismo foi utilizado pelos vitoriosos como instrumento de consolidação do poder, desvinculado da preocupação de ampliação das bases deste poder”.<sup>10</sup> Percebe-se assim a permanência, ou mesmo, a construção de mecanismos capazes de afastar a intervenção dos “cidadãos” na cena política, o que se tem é uma briga de elites que, para se manterem no poder, afastam a grande parcela da população das decisões políticas do país.

Contudo, da chegada ao poder até sua permanência no protagonismo político do país, os republicanos liberais fizeram vasto uso de recursos retóricos para convencer e mover à ação um maior número de adeptos aos seus ideais. Desse modo, vale destacar que desde a Antiguidade Clássica, passando à Idade Média, com sua tradição escolástica, e chegando à Modernidade a arte retórica permaneceu ativa, haja vista, por exemplo, os estudos oferecidos na Universidade de Coimbra (instituição que recebeu grande parte dos filhos da elite brasileira). O estudo de retórica chegou ao Brasil e fez parte da formação estudantil da maioria dos pensadores oitocentistas, inclusive, do trio de republicanos liberais aqui estudados, sobretudo durante a estada no curso anexo e/ou na Faculdade de Direito de São Paulo.

O conhecimento da arte retórica é identificado, principalmente, pelas características discursivas adotadas e pela importância dada à palavra, seja por meio dos registros das falas proferidas durante as participações em *meetings* e conferências, ou ainda em seu vasto uso na imprensa da época. Assim, apenas para destacar alguns pontos comuns existentes na tríade de republicanos liberais, pode-se começar pelo que seria a consciência do valor

9 Ver CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 64.

10 *Ibidem*, p. 65.

conferido ao orador, sua importância e prestígio, em uma sociedade de forte tradição oral sua figura célebre era percebida e explorada, algo evidente nas publicações em jornais, ou mesmo em obras de cunho teórico, ou ainda nos discursos proferidos, tanto por Alberto Sales, quanto Quintino Bocaiúva e Assis Brasil nas mais diferentes regiões do país. O trio de republicanos contava com conhecimento no meio político e da imprensa e eram respeitados e debatidos nos espaços destinados à discussão política. Várias são, por exemplo, as notas elogiosas ou de debate dos argumentos na cena política nacional, publicadas nos jornais de época sobre a atuação dos três como importantes oradores. Além do valor e prestígio atribuídos à figura de cada orador, sabiam também da importância da palavra bem dita e articulada para um auditório, ou mesmo leitores, previamente conhecidos, no qual direcionavam suas falas. O conhecimento prévio dos ouvintes e/ou leitores orientava à boa construção discursiva e auxiliava à sedução pela palavra e criação de imagens mentais, visando posterior adesão à causa apresentada. Não à toa, Quintino Bocaiúva, por exemplo, dirigia-se aos militares tendo como um dos temas centrais a necessidade de uma maior valorização e participação política dos mesmos. A tentativa de cooptá-los à causa republicana era evidente.

Outra característica importante era a escolha precisa de quem citar para dotar o texto de autoridade necessária ao convencimento. O trio republicano possui em comum o empréstimo do vocabulário da política científica<sup>11</sup> e, obviamente, esse fato traz consigo nomes de peso dos considerados grandes pensadores do século XIX. As citações a Comte, Spencer, Darwin, por exemplo, são presentes e recorrentes em suas narrativas. Mas não só, pois iam para além das citações de autoridades do período, já que mesclavam ainda aos nomes expressões de época, retiradas das obras desses pensadores. A grande presença, por exemplo, dos *slogans* positivistas é uma marca e dá a dimensão das técnicas retóricas utilizadas conscientemente pelos republicanos liberais.

Deve-se destacar também outra característica discursiva importante que era a escolha de uma linguagem por vezes direta e violenta, sobretudo, nos manifestos, pronunciamentos e em jornais de época, dando claro tom de ataque à família real, atribuindo-lhe ofensas através de ironias, sarcasmos, hipérboles e pela inversão dos significados de uma dada palavra de seu sentido original. Assim, garantiam a agressão verbal e a contínua deslegitimação da imagem real, com o intuito evidente de minar a permanência do governo imperial. A construção de imagens antagônicas dos regimes, pela adoção de conceitos políticos antitéticos no texto, foi fundamental para a inversão discursiva e para contradizer a narrativa oficial até então vigente. O recurso aos pares de opostos no meio político nacional, via batalha discursiva, permitiu, por meio da crítica, a criação e propagação da ideia de “crise do regime imperial”, estratégia que aprofundou e demarcou o antagonismo com o choque entre as linguagens, antiga e nova, do período.

---

11. Sobre a adoção da linguagem da “política científica” ver ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.176.



Maculava-se a imagem monárquica, simultaneamente, fortalecia-se a ideia de um Brasil republicano, reforçando a tensão entre tradição *versus* modernidade. O embate se dava na arena da palavra bem usada e ressignificada para a obtenção de um fim prático: a proclamação da República e a ocupação pelos republicanos liberais dos postos de mando do país. Para isso, renovaram e adaptaram o vocabulário da política científica que tinham pegado de empréstimo, assim colaram à imagem da monarquia o signo da decadência e, desse modo, criaram uma nova visão de mundo para o cenário nacional, colocando à prova a tradição e sua perpetuação frente à possibilidade do novo.

A guerra discursiva inaugurou um novo entendimento sobre o cenário político nacional, e, com isso, foi capaz também de ressignificar o entrelaçar do tempo, pois passado, presente e futuro passaram a ser reorganizados e percebidos sob outra ótica. O passado fornecido pela narrativa oficial era substituído por uma nova escrita da história, que exaltava os episódios nacionais de experiências republicanas pontuais, destacando, muitas vezes, através de biografias elogiosas, os heróis republicanos construídos nos textos e que não vinham a público por ainda estarem “sob o domínio de um governo tirânico e opressor”, que, de maneira arcaica, freava o desvelar do país na “marcha da História” própria da Modernidade. Assim, o tempo presente não poderia mais aceitar a manutenção da ordem imperial vigente, mas com a tomada de consciência da necessidade de superação dessa estrutura arcaica, equivocadamente deixada até a contemporaneidade, deveria preparar para instaurar o novo, a república. O futuro então se abria à expectativa da realização prática do discurso republicano quando de sua proclamação, um novo regime, com outra história de fundação, valores e horizontes.

Alberto Sales, representante de São Paulo, Quintino Bocaiúva, na Corte, e Assis Brasil, no Rio Grande do Sul, contribuíram imensamente no processo de troca de regime político, eram alguns dos principais agentes republicanos liberais das referidas regiões, atores políticos bastante ativos e hábeis no uso, adaptação e ressignificação das palavras no discurso contestador da Monarquia. De forma semelhante e interativa, disseminaram uma fala muito próxima e coesa de república liberal e extrapolaram as fronteiras geográficas das regiões que representavam. À medida que o grupo ganhava magnitude e saía dos círculos próprios alcançava cada vez mais espaço e seguidores. Desse modo, do discurso de grupo, formaram uma linguagem republicana liberal de caráter contextual, que fez frente à linguagem monárquica e, por fim, a venceu. A vitória foi contra o Império e também contra os outros projetos concorrentes de república para o país.

Por isso, almejou-se descortinar e caracterizar essa linguagem particular, construída em um dado tempo-espaço e transmitida de forma ampla, sobretudo, nas referidas regiões de seus expoentes, bem como entender, a partir da relação dos textos, intertexto e contexto, os argumentos e recursos de construção das novas significações e seus usos, tendo em mente a busca pela compreensão de quais eram os sentidos para seus atores políticos em seu tempo-espaço e com qual finalidade construía suas falas.

A escolha dos três republicanos liberais, Alberto Sales (SP), Quintino Bocaiúva (RJ) e Assis Brasil (RS), deu-se pela identificação de similaridades entre eles e também pela visibilidade que garantiu uma vasta produção de escritos políticos aos agentes históricos. A visão de mundo compartilhada e formada a partir dos estudos iniciados ainda no curso anexo à Faculdade de Direito de São Paulo, no caso específico de Quintino Bocaiúva, bem como o efetivo ingresso de Alberto Sales e Assis Brasil no próprio curso de Direito da referida instituição fez com que tivessem, em alguma medida, uma formação comum e, conseqüentemente, compartilhassem uma mesma visão de mundo, pautada em ideias, obras e autores de cunho político-filosófico iguais. Fator que mais tarde permitiu uma propaganda republicana de mesmo viés.

A tríade republicana passou a atuar intensamente no cenário político do período, identificando na monarquia a causa de todos os males sociais, e, a partir disso, inicia-se a formulação discursiva deslegitimadora dos pilares da tradição monárquica. Proclamavam-se “excluídos” dos círculos de privilégios dinásticos e também sem grandes oportunidades na sociedade de então, mas fato é que não se encontravam à margem da sociedade, buscavam, sim, um maior protagonismo político, através da ascensão aos postos de poder do país. Para isso, fortaleceram as críticas ao império, com o intuito de criar, conscientemente, a ideia de “crise” das instituições, forjada pelos contestadores republicanos para ruir a imagem monárquica nacional. Partiram das críticas à venda da ideia de “crise” do regime imperial, lido e apresentado como atrasado.

Desse modo, passaram a explicar a permanência da monarquia como estrutura arcaica que se manteve por um erro na “marcha civilizacional”. Optaram por ler a sociedade brasileira oitocentista pela chave interpretativa do decadentismo, fizeram então empréstimos do vocabulário da política científica, para justificar a necessidade de urgência na implementação das reformas sociais e criaram um discurso com artifícios retóricos, argumentos e contra-argumentos semelhantes, centralizando a discussão, sobretudo, na escolha de regime político. Para isso, elegeram dentre os pensadores oitocentistas, aqueles que serviriam como instrumento para a construção da narrativa republicana liberal. Vale destacar que, embora cada representante republicano escolhido fosse proveniente de uma região do país, partiam de questões específicas de cada área para então criar um discurso mais amplo e unificador, não se restringindo tão somente às necessidades locais. Manobra adotada para alterar, de forma efetiva, a vida política nacional. Assim, leram os mesmos autores, ou seja, aqueles que propiciavam uma mudança prática ao país, os interpretaram de maneira similar, o que quer dizer instituir o embate entre tradição e o novo, e compartilhavam também o mesmo objetivo, adquirir maior poder, através da obtenção de um protagonismo na cena política. Construía-se assim o discurso republicano liberal coeso, a partir do uso dos mesmos autores, com interpretação similar e para um mesmo fim prático de tomada do poder, respondendo dessa forma as questões do quem, como e o porquê, ou seja, quem foram os autores

lidos pelo grupo republicano liberal, como esses mesmos autores foram interpretados/apresentados e com qual finalidade.

Vale novamente sublinhar também que durante o Oitocentos, os campos político e intelectual não eram independentes, o que fazia com que todo o arcabouço ideológico servisse à intervenção na vida cotidiana. Fazia-se uso dos pensadores do século XIX e suas respectivas doutrinas para agir politicamente e chamar à causa republicana liberal.

Assim fizeram Alberto Sales, Quintino Bocaiúva e Assis Brasil, entendidos como agentes de seu tempo, imersos no jogo político, por meio dos usos e *performances* próprias que construía no dia a dia do debate da vida nacional um contexto linguístico vitorioso, pois agiram e reagiram no interior das linguagens existentes, no contexto específico de transição do império à república, e então, foram capazes de emprestar significados próprios aos conceitos políticos à época, sobretudo os de república, federalismo e democracia,<sup>12</sup> e, a partir disso, transformaram seus discursos em uma linguagem republicana liberal singular e eficaz na queda da monarquia e implantação da república que disseminavam nos tempos de propaganda. A criação de um contexto linguístico próprio foi o mote necessário para fincar a ideia de “crise” do império e abrir caminho à instauração de novas práticas, instituições e valores ligados à experiência republicana.

Obviamente, a construção discursiva e manutenção de uma linguagem republicana liberal singular só foram possíveis porque houve um intercâmbio que propiciou a unificação e coesão para o estabelecimento do contexto linguístico, identificado a partir dos seus textos, intertextos e contexto, oriundos dos fenômenos da linguagem, das palavras e de seus usos, percebidos de forma sincrônica e diacrônica. Assim, o referido intercâmbio e construção linguística se deram a partir da intervenção na vida nacional, com a participação ativa através da colaboração em jornais, *meetings*, Clubes, Partido, conferências e obras de cunho teórico-político, discutidas e apresentadas nos meios acadêmicos, partidário e da imprensa, ou seja, em seus veículos de produção e disseminação.

A ação do trio republicano só pode ser entendida em meio ao contexto que atuavam, assim ao compartilharem a mesma visão de mundo, os mesmos usos de autores e leituras é que se torna inteligível a guerra das palavras, durante a virada da monarquia à república. A participação no jogo político originou a criação de uma linguagem republicana eficaz na tomada de protagonismo dessa parcela de propagandistas que, ao cair no real, encontrou as circunstâncias adequadas para vencerem a disputa de poder político, haja vista as características da sociedade brasileira oitocentista, como, por exemplo, a da fragmentação social. Circunstância essa que permitiu ao discurso republicano-liberal sua acomodação de forma prática e, com isso, garantiu-lhe a vitória frente às demais propostas republicanas concorrentes do período.

As palavras usadas de maneira própria e acrescidas de novos significados

12. Ver CARVALHO, José Murilo de. [et al.]. “República, democracia e federalismo: Brasil (1870-1891)”. In: CARVALHO, José Murilo de; PEREIRA, Miriam H.; RIBEIRO, Gladys S.; VAZ, Maria João. (Orgs). *Linguagens e fronteiras do poder*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 15-35.

transformaram-se em conceitos que traziam consigo a experiência e a multiplicidade que permitia a dinâmica de uma nova constituição de ideias para instaurar uma realidade inédita. As palavras foram tomadas como armas políticas contra o império e o vencerem. Certamente, em meio à guerra das palavras se poderia fazer um novo uso da antiga expressão francesa: Às *palavras*, cidadãos! Afinal, foi por meio das metamorfoses discursivas que se venceu a guerra no campo linguístico e se obteve por fim o protagonismo político almejado ao assumirem os postos de mando do país.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- ALONSO, Angela. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BOCAIÚVA, Quintino. **O antigo regime. Obras completas**. São Paulo: Instituto Progresso, 1949.
- BOEHRER, George C. A. **Da monarquia à república: história do Partido Republicano do Brasil: 1870-1889**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.
- BONAVIDES, Paulo; VIEIRA, R. A. Amaral. “**Manifesto Republicano de 1870**”. In: **Textos Políticos da História do Brasil: Independência – Império (I)**. Fortaleza: Biblioteca de cultura série A – documentário, s/d., p. 533-55.
- BRASIL, Joaquim Francisco Assis. **A República Federal**. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1881.
- \_\_\_\_\_. **Democracia representativa. Do voto e do modo de votar**. Rio de Janeiro: Typ. De J. Leuzinger & Filhos, 1931.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. “**Entre a liberdade dos antigos e a dos modernos: a República no Brasil**”. In: **Dados**. Revista de Ciências Sociais, v. 32, n. 3, 1989. p. 265-280.
- \_\_\_\_\_. “**História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura**”. In: **Topoi**, Rio de Janeiro, setembro de 2000. p. 123-152.
- \_\_\_\_\_.; [et al.]. **Linguagens e fronteiras do poder**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pecado original da república: debates, personagens e eventos para compreender o Brasil**. Rio de Janeiro (RJ): Bazar do Tempo, 2017.
- \_\_\_\_\_.; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das (orgs.). **Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- COMTE, Auguste. **Catecismo positivista**. Rio de Janeiro: Templo da Humanidade, 1934.

\_\_\_\_\_. **Cours de Philosophie Positive**. Paris: Garnier, 1949.

\_\_\_\_\_. “**Discurso sobre o Espírito Positivo**”. In: **Comte**. São Paulo: Abril. Col. Os Pensadores, 1844.

ELIAS, Daiane Lopes. “**Embates discursivos: os escritos políticos dos republicanos liberais na queda do Brasil-Império (1870-1891)**”. In: FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz (Org.); RIBEIRO, Gladys Sabino. (Org.); GONÇALVES, Monique Siqueira. (Org.); MOMESSO, Beatriz Piva (Org.). **Cultura escrita e circulação de impressos no Oitocentos**. 1ª ed. São Paulo: Alameda Editorial, vol. 1, 2016.

FERES JÚNIOR, João. **Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FERREIRA, Tânia Maria T. Bessone da Cruz. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

JASMIN, Marcelo Gantus.; FERES JÚNIOR, João (orgs.). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LESSA, Renato. **A invenção da República: Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2015.

MATTOS, Ilmar Rohrloff de. “**Do Império à República**”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol. 2, n. 4, 1989.

MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. **Noel Rosa: uma biografia**. Brasília: Editora UnB, 1990.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império**. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (EduR), 2007.

\_\_\_\_\_. “**A República e o Sonho**”. In: **Varia História**. Belo Horizonte: UFMG, vol. 27, nº45, jan-jun 2011.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

POCOCK, John G. A. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003.

SALES, João Alberto. **A pátria paulista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

\_\_\_\_\_. **Sciencia política**. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1891. Edição fac-similar: Brasília: Senado Federal, 1997.

\_\_\_\_\_. **Política republicana**. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger & Filhos, 1882, 2v.

\_\_\_\_\_. **Catechismo republicano**. São Paulo, 1885.

SPENCER, Herbert. **Principles of Sociology**. New York: Appletown, 1882.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 103, 146, 163, 201

Afrocentricidade 87

Aldeamentos 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32

Analogia sabática 33, 34, 35

### C

Campo religioso 57, 58

Candomblé 58, 65, 70, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 93, 97

Caudilhos 113, 120

Colonialidade 21, 70, 72, 73, 75, 76, 79, 80, 83, 84, 85

Cristo 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 62

### D

Decolonialidade 70, 72, 73, 79, 84

Discursos políticos 124

Diversidade 30, 49, 57, 77, 79, 82, 83, 96, 97, 146, 151, 153, 155, 161, 178, 198

### E

Educação 1, 14, 20, 33, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 77, 78, 84, 87, 95, 97, 164, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 187, 188, 189, 201

Educação Histórica 45, 49, 174, 175, 176, 178, 181, 187, 188

Ensino de História 45, 56, 188, 189, 198

Ensino religioso 45, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55

Eric Hobsbawm 136, 137

Escravidão 22, 23, 24, 28, 29, 30

### F

Força 22, 28, 29, 46, 50, 54, 57, 59, 77, 90, 102, 110, 125, 141, 180, 184, 187

Fronteiras 78, 79, 83, 112, 113, 115, 122, 131, 133, 134, 188, 195

### G

Governo 17, 18, 26, 58, 59, 124, 125, 126, 130, 131, 180, 183, 184, 185

Guerra 2, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 47, 48, 59, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 131, 133, 134, 150, 156

## H

História da América Latina 13

História do Tempo Presente 13, 79

## I

Identidade 14, 15, 16, 19, 20, 22, 30, 31, 50, 52, 76, 80, 91, 93, 109, 113, 115, 122, 138, 143, 144, 165, 168, 192, 195, 199

Ideologia 48, 50, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Indígena 13, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 96, 165, 166, 171

Irmandades 63, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 112

## J

Jogos de Escalas 98, 101

## M

Machado de Assis 57, 58, 67

Movimentos Sociais 13, 21, 73, 103

## N

Nação 16, 19, 35, 89, 110, 122, 128, 129, 136, 138, 142, 143, 151, 196, 199

Nacionalismos 136, 142

Negras 65, 72, 87, 93, 94, 97, 98, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

## P

Província 113, 114, 118

## R

Religiosidades 53, 57, 67, 86, 90

Republicanos liberais 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 135

## S

Sábado 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 148

## T

Território 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 91, 104, 119, 125, 167, 193

Tradição inventada 136, 137, 142

Transgeracionalidade 87, 92

## Z

Zapatismo 13



 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**